Capítulo I

Eu estava dirigindo por uma erma estrada da Patagônia (terra que recebeu seu nome de uma tribo nativa que, supostamente, tinha pés muito grandes, ou "patas"), quando de repente avistei ao lado da estrada um embrulho de aparência estranha. Instintivamente reduzi a marcha e, para meu grande espanto, vi uma mecha de cabelos louros se projetando de um cobertor azul, que parecia envolver uma forma humana. Parei o carro e, ao descer, fui tomado de surpresa. Naquele local, a centenas de quilômetros do vilarejo mais próximo, em meio a uma área desolada onde não se via nenhuma casa, nenhuma cerca, nem mesmo uma árvore, um jovem dormia placidamente, sem qualquer preocupação que maculasse seu rosto singelo.

O que eu confundira com um cobertor era na verdade uma longa capa azul, com dragonas e forro arroxeado, sob a qual se entreviam calças brancas, semelhantes a calças de montaria, enfiadas num par de reluzentes botas de couro negro.

A vestimenta principesca era incongruente naquelas latitudes. Um cachecol amarelo-pálido tremulava descuidadamente na brisa primaveril e se enroscava às vezes nos cabelos do jovem, dando-lhe um ar melancólico e sonhador.

Parei o carro, perplexo com o que, para mim, era um mistério inexplicável. Era como se até o vento, que soprava das montanhas em grandes remoinhos, evitasse atingir o jovem com suas descargas de poeira.

Era óbvio que eu não poderia deixar que ele permanecesse naquele lugar solitário, dormindo indefeso, sem água nem comida. Embora seu aspecto não me despertasse medo, tive de vencer minha inculcada relutância em me aproximar de estranhos. Com dificuldade, tomei-o nos braços e o deitei no banco do carona.

Fiquei surpreso com o fato de ele não acordar; cheguei a recear que estivesse morto. Um pulso fraco, mas firme, assegurou-me de que não era o caso. Quando pousei sua mão flácida no assento, pensei que, se já não tivesse visto tantas imagens de anjos, eu acharia que estava na presença de um deles, recém-chegado à Terra. Mais tarde, soube que o garoto estava exausto, no final de suas forças.

Por alguns momentos, pensei em como os adultos, com alertas que visam nossa própria proteção, fazem com que nos afastemos das outras pessoas, a ponto de que tocar um indivíduo, ou olhá-lo nos olhos, provoca um desconfortável sentimento de apreensão.

— Estou com sede — disse o jovem de repente, assustando-me, pois eu já quase esquecera que não estava só.

Embora sua voz fosse baixa, era clara e transparente como a água que pedira.

Em viagens longas como aquela, que levaria três dias, eu sempre levava refrigerantes e sanduíches, de modo que só tives-

se que parar para pôr gasolina. Dei-lhe então uma garrafa de refrigerante, um copo plástico e um sanduíche de carne com tomate, embrulhado em papel-alumínio. Também bebi e comi, sem dizer nada. Mas perguntas surgiam em minha cabeça. De onde você vem? Como chegou aqui? O que estava fazendo, deitado à beira da estrada? Você tem família? Onde está ela? E assim por diante. Por causa de minha natureza ansiosa, cheia de curiosidade e desejo de ajudar, ainda hoje me congratulo por ter conseguido permanecer em silêncio durante aqueles dez intermináveis minutos, enquanto esperava que o jovem recobrasse as forças. Ele, por sua vez, bebeu e comeu como se fosse a coisa mais natural do mundo alguém aparecer no meio de um quase deserto para lhe dar uma bebida e um sanduíche de carne.

— Obrigado — disse, após terminar.

Recostou-se então no vidro da janela, como se aquela única palavra fosse o bastante para esclarecer minhas dúvidas.

Depois de alguns instantes, percebi que nem ao menos lhe perguntara para onde ele ia. Como o tinha encontrado à direita da estrada, presumi que rumava para o sul; mas era mais provável que estivesse tentando chegar à capital, situada ao norte.

É impressionante como sempre presumimos que os outros seguem a mesma direção que nós.

Quando me virei para ele novamente, era tarde demais. Um novo sonho o levara para muito, muito longe.